VENCEDOR DO PRÊMIO PULITZER DE BIOGRAFIA

intrínseca

O PAPA E MUSSOLINI

A conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa

DAVID I. KERTZER

O PAPA E MUSSOLINI

DAVID I. KERTZER

O papa e Mussolini

A conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa

TRADUÇÃO DE BERILO VARGAS

intrínseca

Copyright © 2014 by David I. Kertzer

TÍTULO ORIGINAL
The Pope and Mussolini

PREPARAÇÃO
Carolina Rodrigues
Nina Lua

REVISÃO
Rayana Faria
Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K47p

Kertzer, David I.
O papa e Mussolini : a conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa / David I. Kertzer ; tradução Berilo Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
592 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The Pope and Mussolini
ISBN 978-85-510-0009-0

1. Pio XI, Papa, 1857-1939. 2. Mussolini, Benito, 1883-1945. 3. Igreja Católica - Europa - História - 1933-1945. 4. Igreja e Estado - Europa - História - 1933-1945. 5 Guerra Mundial, 1939-1945 - Igreja Católica. 6. Fascismo e religião. I. Título.

16-37318 CDD: 940.5400922
CDU: 94(100)

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para os três Ursos
Sam, Jack e Charlie
nipotini straordinari
De seu Zaide

SUMÁRIO

Elenco de personagens *9*
Lista de publicações e organizações *17*
Mapas *20*

PRÓLOGO *25*

PARTE UM

O PAPA E O DITADOR

1. **Um novo papa** *33*
2. **A marcha sobre Roma** *48*
3. **O abraço fatal** *67*
4. **Nascido para comandar** *85*
5. **Levantar-se do túmulo** *96*
6. **A ditadura** *105*
7. **Assassinos, pederastas e espiões** *115*
8. **O pacto** *124*

PARTE DOIS

INIMIGOS EM COMUM

9. **O salvador** *141*
10. **Comer uma alcachofra** *157*

11. **A volta do filho nativo** *168*
12. **O cardeal Pacelli aguenta firme** *179*
13. **Mussolini tem sempre razão** *186*
14. **O inimigo protestante e os judeus** *200*
15. **Hitler, Mussolini e o papa** *217*
16. **Atravessando a fronteira** *230*
17. **Inimigos em comum** *243*
18. **Sonhos de glória** *256*

PARTE TRÊS

MUSSOLINI, HITLER E OS JUDEUS

19. **Ataque a Hitler** *269*
20. **Viva Il Duce!** *279*
21. **Hitler em Roma** *289*
22. **Uma missão surpreendente** *300*
23. **O acordo secreto** *314*
24. **As leis raciais** *326*
25. **A batalha final** *341*
26. **Fé no rei** *348*
27. **Uma morte conveniente** *361*
28. **Uma nuvem negra se dissipa** *376*
29. **Rumo ao desastre** *390*
Epílogo *400*

Nota do autor *408*
Agradecimentos *411*
Notas *415*
Referências *535*
Créditos das imagens *553*
Índice *555*

ELENCO DE PERSONAGENS

BALBO, ITALO (1896-1940) Intrépido e galante chefe fascista da cidade de Ferrara, Balbo foi um dos líderes da Marcha sobre Roma, de 1922. O presidente Roosevelt condecorou-o com a Cruz Voadora por Serviços Relevantes, em 1933, por ter encabeçado uma expedição de vinte e quatro hidroaviões aos Estados Unidos. As proezas aéreas que lhe granjearam popularidade dos dois lados do Atlântico deixavam Mussolini enciumado.

PAPA BENTO XV (GIACOMO DELLA CHIESA) (1854-1922) Nascido numa família aristocrática de Gênova, Giacomo Della Chiesa tornou-se arcebispo de Bolonha em 1913. Apesar da aparência nada papal, foi eleito sucessor de Pio X em 1914. Desmontou a feroz cruzada antimodernista e a força de espionagem clerical de seu antecessor, mas não teve êxito em seus esforços para desempenhar um papel eficaz de pacificador durante a Grande Guerra e após seu término.

BAUDRILLART, ALFRED (1859-1942) Erudito católico e reitor da Universidade Católica de Paris durante muitos anos, Baudrillart foi nomeado bispo em 1921 e cardeal em 1935. Mantinha um diário precioso e se preocupava com as intrigas em torno do adoentado papa Pio XI enquanto Mussolini consolidava sua aliança com Hitler.

BORGONGINI-DUCA, FRANCESCO (1884-1954) Nascido em Roma, Borgongini foi nomeado, em 1921, secretário da Congregação de Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, um dos dois cargos de comando da Secretaria de Estado da Santa Sé. Cuidava de assuntos internacionais, apesar de jamais ter morado fora de Roma. Em 1929, Pio XI o nomeou o

primeiro núncio apostólico, ou embaixador, da Santa Sé na Itália, cargo que ocuparia por mais de duas décadas. Devoto e desinteressado das coisas mundanas, Borgongini era alvo irresistível das provocações de Mussolini.

BUFFARINI GUIDI, GUIDO (1895-1945) Eleito prefeito fascista de Pisa em 1923, aos vinte e oito anos, Buffarini assumiu o cargo de subsecretário de Assuntos Internos de Mussolini dez anos depois, tornando-se responsável pela política nacional. Gordo, intimidador e corrupto, tornou-se ainda mais poderoso no fim dos anos 1930, deixando Mussolini livre para se dedicar à ampliação do seu recém-adquirido império italiano.

CACCIA DOMINIONI, CAMILLO (1877-1946) Nomeado prefeito da casa pontifícia de Bento XV, em 1921, Caccia tinha conhecido Achille Ratti no começo do século, quando ele e o futuro papa estavam em Milão. Foi mantido no cargo por Pio XI e era encarregado de organizar a programação diária do papa e determinar quem seria recebido por ele, por isso estava ao lado do pontífice todos os dias. Caccia tinha um terrível segredo, amplamente conhecido no Vaticano e na polícia fascista, que o ameaçava lançar em desgraça.

CERRETTI, BONAVENTURA (1872-1933) Um dos principais diplomatas do Vaticano, Cerretti tornou-se núncio papal na França quando Pio XI o nomeou cardeal, em 1926. Contrário à parceria do papa com Mussolini, ficou ainda mais furioso quando Pio XI passou por cima dele e nomeou um rival seu para a Secretaria de Estado, em 1930.

CIANO, GALEAZZO (1930-1944) Filho de um ministro do governo, Ciano se casou com a filha mais velha de Mussolini, Edda, em 1930. Autodeclarado mulherengo, profundamente antipatizado pela mulher de Mussolini, logo se tornou o príncipe-herdeiro do sogro, para desespero dos outros líderes fascistas. Depois que Ciano serviu brevemente como ministro de Imprensa e Propaganda, Mussolini estarreceu o mundo diplomático ao nomeá-lo ministro das Relações Exteriores, em 1936.

COUGHLIN, CHARLES (1891-1979) Nascido e ordenado padre no Canadá, Coughlin usou sua paróquia em Detroit para transmitir um programa de rádio que chegava a dezenas de milhões de americanos nos anos 1930. De início partidário de Franklin Roosevelt e da reforma social, deu uma violenta guinada para a direita, acusando o presidente americano de ser agente comunista. Defensor da cruzada de Hitler contra os judeus, Coughlin vivia também ansioso para prestar serviços ao ditador italiano.

DE VECCHI, CESARE (1884-1959) Monarquista de Turim, De Vecchi foi um dos quatro líderes da Marcha sobre Roma. Serviu como primeiro embaixador da Itália na Santa Sé, de 1929 a 1935. Arrogante, mesquinho, burro e facilmente reconhecido por seu bizarro bigode, era alvo de muitas zombarias, até mesmo da parte de Mussolini. Embora De Vecchi fosse vítima de muitos ataques de cólera de Pio XI, o papa acabou demonstrando certa afeição por ele.

GASPARRI, PIETRO (1852-1934) Filho de uma família pobre de pastores das montanhas da região central da Itália, Gasparri tornou-se erudito em direito canônico e um dos mais influentes diplomatas do Vaticano. Como secretário de Estado, primeiro do papa Bento XV e depois de Pio XI, o baixo e roliço Gasparri disfarçava seu senso político afiado com uma fachada de bom humor sociável.

GÖRING, HERMANN (1893-1946) Um dos líderes nazistas mais próximos de Hitler, fundou a Gestapo e ocupou muitos cargos de governo na Alemanha nazista. De início, Mussolini o julgava um lunático sem grande importância.

GRANDI, DINO (1895-1988) Subsecretário do Interior e, depois, de 1929 a 1932, ministro das Relações Exteriores de Mussolini. Com seu cavanhaque, Grandi integrava de início o grupo dos fascistas mais radicais. Mas a vida de embaixador italiano em Londres (1932--1939) lhe cairia bem, afetando sua opinião sobre o crescente entusiasmo de Mussolini pela Alemanha nazista.

HITLER, ADOLF (1889-1945) Durante anos Hitler conservou um imenso busto do seu grande herói, Benito Mussolini, em seu escritório em Munique. Depois que se tornou chanceler alemão, em janeiro de 1933, buscou se aproximar do Vaticano numa tentativa de conquistar o apoio dos católicos. Apesar de vê-lo com desconfiança, o papa foi, a princípio, estimulado por sua resoluta postura anticomunista.

LEDÓCHOWSKI, WŁODZIMIERZ (1866-1942) Filho de conde polonês e sobrinho de cardeal, em 1915 Ledóchowski foi eleito superior geral — chefe mundial — da Companhia de Jesus, cargo que exerceria até sua morte, vinte e sete anos depois. Virulento antissemita com um fraco pelo fascismo, era um homem a quem Mussolini procurava para pedir ajuda.

MONTINI, GIOVANNI (1897-1978) Como padre, ingressou em 1922 na Secretaria de Estado, onde trabalhou durante anos. Em 1933, Pio XI o demitiu do cargo cumulativo de capelão

da organização universitária Ação Católica da Itália, mas o convocou em 1937 para ser um dos seus subsecretários de Estado. Em 1963, Montini subiria ao trono de São Pedro como papa Paulo VI.

MUNDELEIN, GEORGE (1872-1939) Nomeado arcebispo de Chicago em 1915 e cardeal em 1924, Mundelein presidiu uma Igreja Católica em expansão e tornou-se amigo e partidário político de Franklin Roosevelt. Seu ataque verbal a Adolf Hitler em 1937 deixou o Führer furioso.

MUSSOLINI, ARNALDO (1885-1931) Depois de crescer dividindo uma cama de palha de milho com Benito, Arnaldo se tornou editor do jornal do irmão mais velho, *Il Popolo d'Italia*, em 1922, quando Mussolini assumiu o cargo de primeiro-ministro. Benito lhe telefonava todas as noites para conversar sobre a edição do dia seguinte e qualquer outro assunto em que estivesse pensando. Arnaldo — que, diferentemente do irmão, considerava-se católico devoto — era a única pessoa em quem Mussolini confiava sem reservas.

MUSSOLINI, BENITO (1883-1945) Nascido em uma família modesta numa pequena cidade da Romanha, o centro do anarquismo e do socialismo italianos, Mussolini tornou-se um dos mais destacados socialistas radicais do país nos primeiros anos do século XX. Em 1912, foi nomeado editor nacional do jornal *Avanti*!, pertencente ao Partido Socialista e sediado em Milão. A Grande Guerra o levou a romper com os socialistas, estabelecendo o movimento fascista em 1919. Inicialmente feroz adversário da Igreja Católica, reconheceu que negociar com o Vaticano traria benefícios para suas ambições políticas.

MUSSOLINI, EDDA (1910-1995) Edda era a filha mais velha — e favorita — de Mussolini. Voluntariosa, impetuosa e temperamental, gostava de andar a cavalo e dirigir carros velozes. Era muito parecida com o pai. Sossegou um pouco em 1930, ao se casar com Galeazzo Ciano.

MUSSOLINI, RACHELE (1890-1979) Nascida numa família de camponeses pobres que viviam perto dos Mussolini, abandonou a escola aos oito anos e foi trabalhar como criada. Benito se sentiu atraído pela moça loura de olhos azuis, cuja mãe fora amante do pai dele. Descrita por sua filha Edda como "o verdadeiro ditador da família", a obstinada e semianalfabeta Rachele nunca se sentiu à vontade entre pessoas ricas e bem relacionadas, e também nunca abandonaria sua profunda aversão à Igreja e aos padres.

ORSENIGO, CESARE (1873-1946) Homem de inteligência limitada e com uma visão de mundo ainda mais restrita, Orsenigo era padre em Milão quando Pio XI o nomeou núncio na Holanda, em 1922, e depois na Hungria, em 1925. Ao designá-lo para substituir Eugenio Pacelli como núncio na Alemanha, em 1930, o papa ignorou homens muito mais qualificados do corpo diplomático da Santa Sé.

PACELLI, EUGENIO (1876-1958) Frágil, porém muito inteligente, filho de uma família romana estreitamente associada aos papas por gerações, Pacelli ingressou na Secretaria de Estado da Santa Sé logo após ser ordenado. Enviado como núncio papal para Munique, em 1917, e depois para Berlim, morou doze anos na Alemanha. Pio XI o chamou a Roma em 1929 para se tornar cardeal e, no começo de 1930, designou-o para substituir Pietro Gasparri como secretário de Estado. Pacelli, cauteloso e de fala mansa, e Pio XI, autoritário e temperamental, desenvolveram uma relação curiosa. Com a morte do papa, em 1939, Pacelli foi eleito para o posto, adotando o nome de Pio XII.

PACELLI, FRANCESCO (1872-1935) Irmão mais velho de Eugenio, Francesco Pacelli seguiu os passos do pai, tornando-se um dos mais proeminentes advogados do Vaticano. Pio XI procurou-o em 1926 para conduzir negociações secretas com o governo fascista, visando acabar com o estado de hostilidade que existia entre a Santa Sé e a Itália desde a fundação do país, em 1861.

PETACCI, CLARA (1912-1945) Filha de um médico do Vaticano, Clara, mulher atraente, de olhos verdes e cabelo ondulado, tinha vinte e quatro anos quando começou a ter um caso com Mussolini, então com cinquenta e três anos. Vivia cada dia à espera da ligação que a chamaria para o ninho de amor do casal no escritório dele no palácio Venezia, no centro de Roma. As milhares de páginas dos seus diários oferecem preciosas informações que ajudam a compreender Mussolini.

PIGNATTI, BONIFACIO (1877-1957) Filho de conde e conceituado diplomata de carreira, Pignatti era embaixador da Itália na França quando substituiu Cesare de Vecchi como embaixador na Santa Sé, em 1935. Como quase todos os membros do corpo diplomático italiano pré-fascista, Pignatti não pensou duas vezes antes de fazer a transição para servir à ditadura de Mussolini.

PAPA PIO XI (ACHILLE RATTI) (1857-1939) Filho de um supervisor de uma fábrica de seda em uma pequena cidade ao norte de Milão, Ratti decidiu, ainda criança, que seria padre.

Nomeado professor do Grande Seminário de Milão aos vinte e cinco anos, logo assumiu um cargo na famosa Biblioteca Ambrosiana de Milão, da qual se tornaria diretor. Em 1914, foi nomeado prefeito da Biblioteca do Vaticano, cargo que supunha ser o último que ocuparia na vida. Mas, de modo inesperado, Bento XV o escolheu, em 1918, para ser seu enviado à Polônia, onde ele presenciou a invasão do Exército Vermelho na esteira da Revolução Russa e desenvolveu um desprezo pelo comunismo que duraria até o fim da vida. Chamado de volta a Roma em 1921, foi nomeado cardeal e arcebispo de Milão. Mal assumira o cargo quando, depois da morte de Bento, os colegas cardeais o elegeram papa na décima quarta votação, em fevereiro de 1922.

PAPA PIO XII (ver Eugenio Pacelli)

PIZZARDO, GIUSEPPE (1877-1970) Nascido perto de Gênova, Pizzardo ingressou na Secretaria de Estado da Santa Sé logo depois de se ordenar. Saiu de Roma por apenas três anos (1909-1912), para servir na nunciatura (embaixada) do Vaticano em Munique. Nomeado secretário de Estado suplente em 1921, assumiu o lugar de Borgongini como secretário de Assuntos Eclesiásticos em 1929, cargo que exerceu até ser nomeado cardeal, em 1937. De 1923 até que o novo papa, Pio XII, o substituísse, em 1939, foi também capelão nacional da Ação Católica italiana, o que o colocava com frequência na mira da ala anticlerical do movimento fascista. Pizzardo era um dos favoritos de Pio XI, mas impopular entre muitos no Vaticano, que atribuíam seu poder de influência ao acesso que tinha ao dinheiro dos católicos americanos.

RATTI, ACHILLE (ver papa Pio XI)

ROSA, ENRICO, S. J. (1870-1938) Membro desde 1905 do grupo editorial que publicava a revista quinzenal jesuíta *La Civiltà Cattolica*, amplamente tida como a voz não oficial do Vaticano. Rosa se tornou diretor da publicação em 1915. Conselheiro íntimo de Pio XI, foi chamado pelo papa para explicar a posição da Igreja com relação aos judeus. Seguindo instruções do Vaticano, Rosa, apesar de a princípio ser hostil ao fascismo, acabou usando as páginas de sua revista para advertir os católicos que não deveriam abandonar o ditador.

SARFATTI, MARGHERITA (1880-1961) Nascida numa rica família judia de Veneza, desenvolveu uma paixão pela literatura e pelas artes. Casada aos dezoito anos com um advogado judeu, mudou-se com o marido para Milão, onde ela se envolveu com o movimento socialista e conheceu Mussolini, ainda recém-chegado à cidade. Quando Mussolini voltou

da guerra, em 1917, os dois se tornaram inseparáveis. Mussolini não só era amante de Margherita, como também buscava seus conselhos. Pelo fim dos anos 1920, ela começou a perder seu poder de sedução.

SPELLMAN, FRANCIS (1889-1967) Filho de imigrantes irlandeses de Massachusetts, em 1925 tornou-se o primeiro padre americano a servir na Secretaria de Estado da Santa Sé. Ali se aproximou de Francesco Borgongini e, mais tarde, fez amizade com Eugenio Pacelli. Foi nomeado arcebispo de Nova York em 1939.

STARACE, ACHILLE (1889-1945) Um dos poucos líderes fascistas provenientes do sul da Itália, Starace tornou-se diretor nacional do Partido Fascista italiano em 1931. Mestre do mau gosto, desprovido de inteligência e sem qualquer vestígio de sofisticação, o bajulador Starace elevaria o culto à personalidade de Mussolini a um nível assustador.

TACCHI VENTURI, PIETRO, S. J. (1861-1956) Nascido numa próspera família da região central da Itália, Tacchi Venturi preparou-se para o sacerdócio em Roma, onde ingressou na ordem jesuíta. No começo de 1923, Pio XI e Mussolini decidiram que precisavam de um mensageiro secreto e o escolheram para a posição. Durante os dezesseis anos seguintes, ele teve mais de cem encontros privados com Mussolini, a quem transmitia os pedidos do papa.

TARDINI, DOMENICO (1881-1961) Pertencente ao clero romano, passaria boa parte de sua vida adulta na Secretaria de Estado da Santa Sé, onde ingressou em 1921. Nomeado subsecretário de Assuntos Eclesiásticos em 1929 sob o comando de Pizzardo, tornou-se secretário de Estado suplente em 1935 e, em 1937, assumiu o cargo de secretário de Assuntos Eclesiásticos. Moderado, não atribuía a culpa pelos atritos com o regime fascista a Mussolini, mas sim aos anticlericais que o cercavam.

VÍTOR EMANUEL III (1869-1947) Em 1900, aos trinta anos, tornou-se rei da Itália depois que o pai foi assassinado, mas nunca se sentiu à vontade como monarca. Alvo de muita zombaria por sua baixa estatura, era inteligente e bem informado, porém fraco. Duas vezes por semana Mussolini botava a cartola para ir ver o rei no palácio do Quirinal, em Roma, e obter a indispensável assinatura real para as novas leis. Vítor Emanuel sempre fazia suas vontades. Embora a união dos dois se desse por conveniência, o turbulento Mussolini e o diminuto monarca acabaram encontrando um ponto de convergência. Acima de tudo, compartilhavam uma visão sombria da humanidade e uma antipatia visceral pelo clero.

LISTA DE PUBLICAÇÕES E ORGANIZAÇÕES

Publicações

L'AVVENIRE D'ITALIA Fundado no fim do século XIX em Bolonha com a bênção do papa Leão XIII, *L'Avvenire d'Italia* foi o único jornal nacional verdadeiramente católico durante o fascismo.

LA CIVILTÀ CATTOLICA Editada por uma cooperativa de jesuítas italianos, a revista foi fundada em 1850 a pedido do papa Pio IX logo que o pontífice voltou ao poder em Roma após a revolução de 1848-1849. O diretor da publicação era designado pelo papa. Antes do lançamento de cada número — duas vezes por mês —, as provas eram revisadas e aprovadas pela Secretaria de Estado da Santa Sé. No mundo católico, a revista era lida como a expressão das opiniões do papa sobre as questões do momento.

L'OSSERVATORE ROMANO O jornal diário do Vaticano. Foi publicado pela primeira vez em 1861 como parte dos esforços para defender os territórios papais que haviam restado do recém-formado reino da Itália. Embora a publicação fosse supervisionada de perto pelo papa, o fato de *L'Osservatore Romano* não ser formalmente o órgão oficial do Vaticano funcionava como um artifício para negar suas afirmações. Depois que Mussolini consolidou sua ditadura, em meados dos anos 1920, o jornal passou a ser o único da Itália não sujeito à censura fascista. Apesar disso, quando artigos que Mussolini reprovava eram publicados, exemplares vendidos fora dos muros do Vaticano eram passíveis de confisco. *L'Osservatore Romano* cumpria a missão de jornal semioficial do Vaticano ao noticiar os mais notáveis encontros e comentários do papa e divulgar as atividades da Igreja no

mundo inteiro. Já a revista *La Civiltà Cattolica* combinava análises bem mais extensas das questões políticas com resenhas regulares de livros e um resumo dos principais acontecimentos italianos e internacionais de interesse da Igreja.

IL POPOLO D'ITALIA Benito Mussolini fundou o jornal diário em Milão logo após ser expulso do Partido Socialista, em 1914. Cinco anos depois, ele usaria *Il Popolo d'Italia* como veículo para lançar o movimento fascista. Quando se tornou primeiro-ministro, em 1922, Mussolini passou a direção editorial para o irmão Arnaldo. Em 1931, com a morte de Arnaldo, seu filho, Vito, tornou-se editor.

Organizações

AÇÃO CATÓLICA Criada por Pio X em 1905 como uma estrutura para organizar o laicismo católico, nos anos 1920 a organização tinha grupos separados na Itália para homens e mulheres, meninos e meninas e estudantes universitários. Com um diretor laico nacional designado pelo papa e um supervisor eclesiástico no Vaticano, a Ação Católica italiana era organizada tanto no nível das dioceses quanto no das paróquias. Mussolini via a organização com desconfiança, pois ela era o único grupo de filiação em massa no país que não estava sob seu controle. Pio XI, conhecido como o "papa da Ação Católica", considerava-a essencial para seus esforços de cristianização da sociedade italiana.

PARTIDO FASCISTA Fundado em 1921, o Partito Nazionale Fascista (PNF) foi idealizado por Benito Mussolini. Quando transformou o que tinha sido um movimento político informal e uma coleção de bandos violentos em partido político, Mussolini abandonou as raízes anticlericais e antimonárquicas do movimento fascista inicial e deu uma clara guinada para a direita. Durante os primeiros anos no poder, ele lutaria para impor disciplina aos chefes fascistas locais. Em 1928, o PNF tornou-se o único partido político legal da Itália.

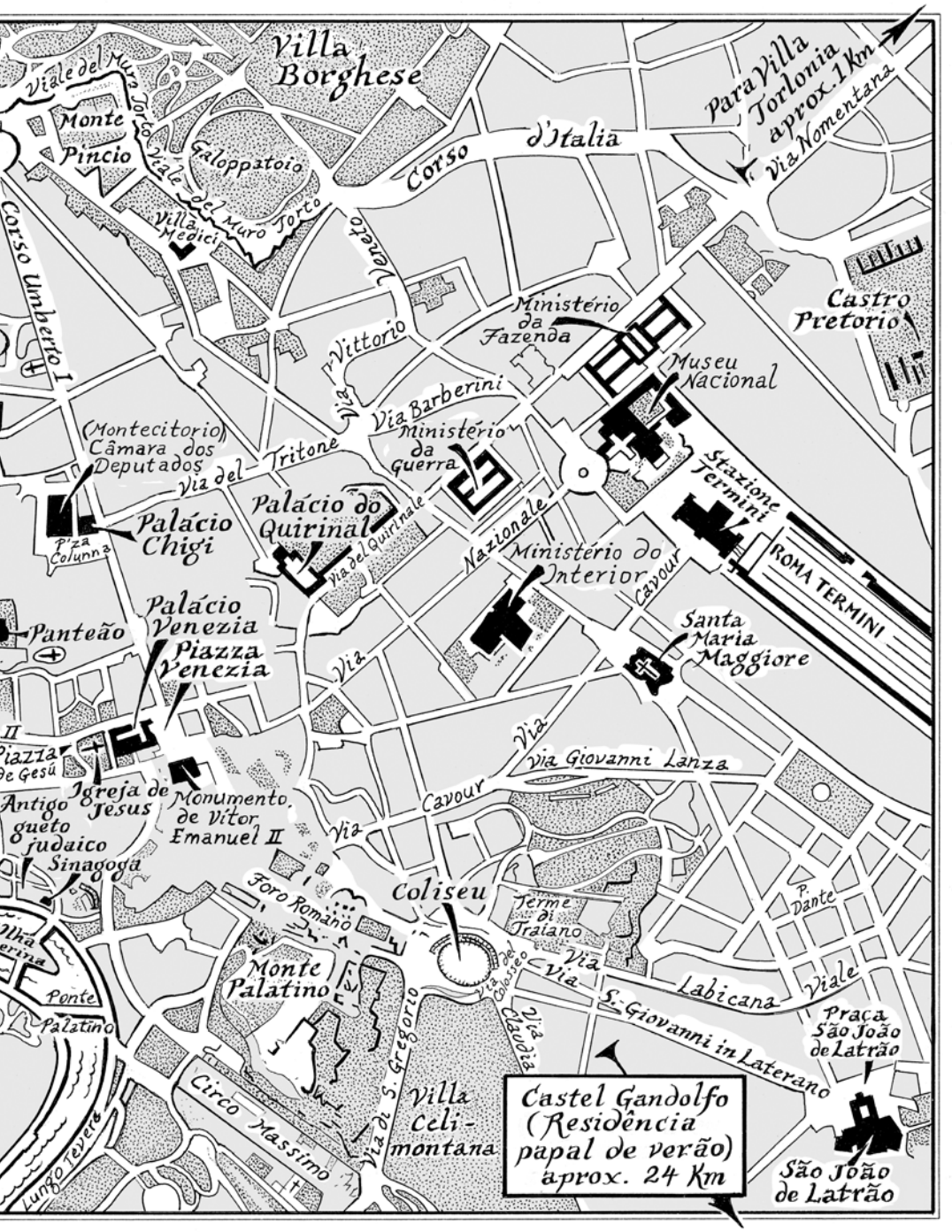
SANTO OFÍCIO Também conhecido como Inquisição Romana, teve sua origem em 1542, como a Congregação da Sacra, Romana e Universal Inquisição, fundada pelo papa Paulo III e destinada inicialmente a combater a Reforma Protestante. Em 1908, mudou de nome para Santo Ofício (Sant'Uffizio). Encabeçado pelo papa, consistia de um grupo de cardeais auxiliados por uma miscelânea de prelados. Seu secretário, um cardeal, tinha encontros regulares com o papa para discutir os casos que lhe eram apresentados. A missão do Santo Ofício era impor a ortodoxia doutrinária e erradicar a heresia.

OPERA NAZIONALE BALILLA A ONB, ou Organização Nacional da Juventude, foi fundada em 1926 para integrar os jovens da Itália nos termos da nova ideologia fascista. Era dividida em dois grupos etários, separados por sexo. Os meninos mais novos (8-13 anos) eram conhecidos como Balilla e os mais velhos (14-18), como Avanguardisti. Os respectivos grupos femininos eram chamados de Pequenas Italianas e Jovens Italianas. Os grupos da juventude fascista ameaçavam enfraquecer as organizações da juventude católica e, depois da criação da ONB, o governo dispersou os Escoteiros Católicos. Entretanto, foi estabelecida uma vasta rede de padres para que todos os grupos locais da juventude fascista tivessem um capelão católico, de modo a serem guiados rumo à adoração religiosa enquanto eram submetidos à doutrinação fascista e ao treinamento paramilitar.

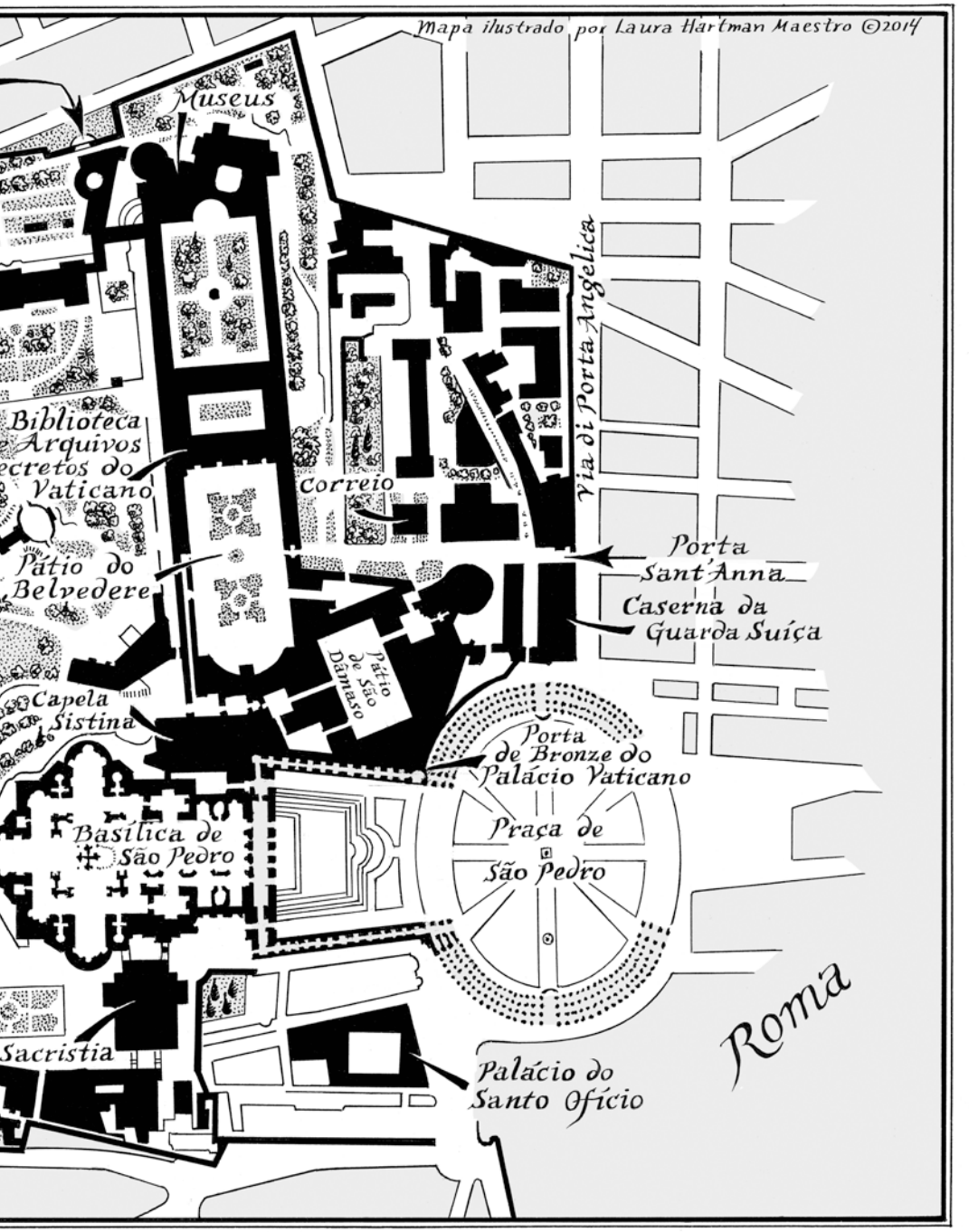
PARTIDO POPULAR O Partito Popolare Italiano (PPI) foi fundado em 1919 pelo padre siciliano Luigi Sturzo, com a aprovação do papa Bento XV, como um partido político católico. Nas eleições parlamentares de 1921, o PPI elegeu mais de vinte por cento dos deputados. Era um dos principais obstáculos à imposição de uma ditadura fascista, mas ficou enfraquecido quando Pio XI deixou claro que apoiaria Mussolini. Foi disperso em novembro de 1926, embora Mussolini nunca deixasse de suspeitar que elementos do PPI estivessem tentando se reorganizar secretamente na Ação Católica.

PARTIDO SOCIALISTA Fundado em 1892, o Partido Socialista italiano viria a dominar a esquerda na Itália, com mais força no norte e no centro do país. Formada por uma ala reformista e outra que defendia a revolução — Benito Mussolini foi um dos líderes desta última —, a organização se dividiu em 1912, quando houve um expurgo dos reformistas. O partido teve seu ponto alto nas eleições parlamentares de 1919, obtendo quase um terço dos votos e conquistando o controle de muitas cidades, tanto grandes quanto pequenas. Em 1921, uma facção dissidente saiu e formou o Partido Comunista. No ano seguinte, o partido sofreu outro racha, quando a ala reformista formou o Partido Socialista Unido. Em 1924, seu líder, Giacomo Matteotti, foi assassinado por rufiões fascistas liderados por um ítalo-americano. Em 1926, Mussolini baniu o Partido Socialista e seus diversos rebentos.

Mapa ilustrado por Laura Hartman Maestro ©2013
N
Mapa do Centro de
ROMA
c. 1925
0 100 200 300 400 500 600 700 800 900 1km.
Viale delle Milizie
Via A. Doria
Via Leone IV
Viale Giulio Cesare
Via Ottaviano
Piazza del Popolo
Ponte Margherita
Piazza della Liberta
Rienzo
Cola
Via
Via
Crescenzio
Jardins do Vaticano
Basílica de São Pedro
Via di Porta Angelica
Praça de São Pedro
Castel Sant' Angelo
Palácio de Justiça
Ponte Cavour
Ponte Umberto I
Ponte Sant'Angelo
Ponte Vittorio Emanuele
Palácio Madama Senado
Piazza Navona
Via Aurelia
Ponte dei Fiorentini
Rio
Corso Vittorio Emanuele
Regina Coeli
Ponte G. Mazzini
Campo dei Fiori
Teatro di Pompeo
Tibre
Lungo Tevere Farnesina
Palácio Farnese
Viale delle Mura Aurelie
Villa Abamelek
MONTE GIANICOLO
Ponte Sisto
Via Arenula
Ponte Garibaldi
Via Garibaldi
Santa Maria em Trastevere
TRASTEVERE
Viale del Re


Villa Borghese
Viale del Muro Torto
Monte Pincio
Galoppatoio
Viale del Muro Torto
Villa Medici
Corso d'Italia
Para Villa Torlonia aprox. 1 Km
Via Nomentana
Corso Umberto I
Via Veneto
Ministério da Fazenda
Castro Pretorio
Via Vittorio
Museu Nacional
Via Barberini
(Montecitorio) Câmara dos Deputados
Via del Tritone
Ministério da Guerra
Stazione Termini
Palácio Chigi
P.za Colunna
Palácio do Quirinal
Via del Quirinale
Via Nazionale
Ministério do Interior
Cavour
ROMA TERMINI
Panteão
Palácio Venezia
Piazza Venezia
Santa Maria Maggiore
Via
Via Giovanni Lanza
Piazza de Gesú
Igreja de Jesus
Monumento de Vítor Emanuel II
Antigo gueto judaico
Sinagoga
Cavour
Via
Coliseu
Foro Romano
Terme di Traiano
P. Dante
Via
Via
Via del Colosseo
Monte Palatino
Ponte
Palatino
Via S. Giovanni in Laterano
Labicana
Viale
Praça São João de Latrão
Via Claudia
Via di S. Gregorio
Circo Massimo
Villa celimontana
Castel Gandolfo (Residência papal de verão) aprox. 24 Km
São João de Latrão
Lungo Tevere

CIDADE DO VATICANO
c. 1929
0 50 100 150 200
metros
N
O
L
S
Entrada dos museus do Vaticano
Vaticano
Antigo Observatório
Jardins
Roma
A muralha serve como fronteira internacional
Antigo Observatório
Estação ferroviária do Vaticano. Iniciada em 1929, concluída em 1933


Mapa ilustrado por Laura Hartman Maestro ©2014
Museus
Via di Porta Angelica
Biblioteca
Arquivos
ecretos do
Vaticano
Correio
Pátio do
Belvedere
Porta
Sant'Anna
Caserna da
Guarda Suíça
Pátio
de São
Damaso
Capela
Sistina
Porta
de Bronze do
Palácio Vaticano
Basílica de
São Pedro
Praça de
São Pedro
Roma
Sacristia
Palácio do
Santo Ofício

PRÓLOGO

ROMA, 1939

Doente, idoso e com problemas de insuficiência cardíaca que quase o haviam matado no ano anterior, o papa Pio XI suplicava a Deus que lhe desse mais alguns dias de vida. Trajando sua túnica branca, sentou-se à mesa no escritório no terceiro andar do Vaticano, com uma bengala encostada na parede mais próxima. Em um dos lados, estavam a bússola e o barômetro enferrujados que usava para escalar os mais altos picos da Itália, lembranças de um passado longínquo. Um velho diapasão permanecia na gaveta. Muitos anos haviam se passado desde a última vez que o tirara dali. Orgulhoso de sua voz melodiosa e receoso de perder o senso de afinação, treinava sempre que podia, mas só quando tinha certeza de que ninguém o ouvia. Nesse momento, sabendo que o fim estava próximo, examinou todas as gavetas para se certificar de que os documentos estavam em ordem.

Durante anos o papa gozara de boa saúde, impressionando os observadores com sua árdua rotina. Fazia questão de se inteirar dos assuntos do Vaticano nos mínimos detalhes e de decidir pessoalmente todas as questões que tivessem alguma importância. Agora cada dia era um desafio, cada passo causava dor. À noite, incapaz de dormir, ficava acordado na cama, com as pernas latejando por conta das veias varicosas, a asma transformando a respiração numa luta, e, o que era pior, incomodado com um sentimento de que algo dera terrivelmente errado.

Durante o dia, a claridade jorrava em seu escritório pelas três janelas que davam para a praça de São Pedro. Mas já era noite, e a pequena lâmpada de cabeceira lançava uma luz amarelada sobre os lençóis à sua frente. O Senhor o

mantinha vivo por alguma razão, pensava ele. Ele era o vigário de Deus na terra. Não poderia morrer antes de dizer o que precisava ser dito.

O papa convocara todos os bispos da Itália a Roma para ouvir sua derradeira mensagem. O encontro estava marcado para 11 de fevereiro de 1939, dali a uma semana e meia, na basílica de São Pedro. Era a comemoração do décimo aniversário do Tratado de Latrão, o histórico acordo que Pio XI firmara com o ditador da Itália, Mussolini, encerrando uma década de hostilidade entre o governo do país e a Igreja Católica Romana. Com esse tratado, a separação entre a Igreja e o Estado, que marcara a Itália moderna desde a sua fundação, sessenta e oito anos antes, tinha chegado ao fim. Uma nova era começara, com a Igreja como parceira solícita do governo fascista de Mussolini.

Dezessete anos antes, em 1922, Achille Ratti, recém-nomeado cardeal, fora surpreendentemente escolhido para suceder o papa Bento XV, adotando o nome de Pio XI. Ainda naquele ano, em meio à violência generalizada, Benito Mussolini, o líder fascista de trinta e nove anos, tornou-se primeiro-ministro da Itália. Desde então os dois homens passaram a depender um do outro. O ditador precisava do papa para assegurar o apoio católico ao seu regime, dando-lhe a legitimidade moral de que tanto necessitava, e o papa contava com Mussolini para ajudá-lo a restaurar o poder da Igreja na Itália. Agora, com a pena na mão, relembrando todos aqueles anos, Pio sentia um arrependimento profundo. Ele se deixara desencaminhar. Mussolini parecia achar que era um deus e aceitara com entusiasmo Hitler, um homem que o papa desprezava por ter enfraquecido a Igreja na Alemanha e patrocinado uma religião pagã pessoal. A dolorosa cena que Roma testemunhara na primavera anterior ainda o incomodava: um mar de bandeiras nazistas vermelhas e negras inundara a cidade quando o Führer alemão passara pelas ruas históricas numa procissão triunfal.

Dois meses depois da visita de Hitler, Mussolini chocou o mundo ao proclamar que os italianos eram uma raça pura, superior. Apesar de viverem em Roma desde antes da época de Jesus, os judeus passaram a ser oficialmente considerados um povo estrangeiro pernicioso. O papa ficou horrorizado. Por que, perguntou ele numa audiência pública, o líder da Itália ansiava tanto por imitar o Führer? A pergunta deixou Mussolini furioso, pois nada o chateava mais do que ser chamado de fantoche de Hitler. Os homens do círculo íntimo de Pio XI correram para

reparar o dano. Mais à vontade com os regimes autoritários do que com as democracias e temerosos de perderem os muitos privilégios que Mussolini havia assegurado à Igreja, eles achavam que o papa estava ficando negligente em sua velhice. Pio já tinha alienado os líderes nazistas; e seus homens temiam que agora estivesse pondo em risco os laços do Vaticano com o regime fascista de Mussolini.

Em seu escritório do outro lado do rio Tibre, o ditador esbravejava contra o papa. Se os italianos ainda iam à missa, era só porque ele assim ordenava. Não fosse por ele, os anticlericais estariam fazendo baderna pelas ruas do país, saqueando igrejas e obrigando os padres acovardados a tomarem óleo de rícino. Se todas as salas de aula e todos os tribunais tinham um crucifixo na parede, se padres lecionavam religião em todas as escolas públicas, era por ordem de Mussolini. Se generosos fundos estatais eram usados em apoio à Igreja, era porque ele queria que assim fosse, tudo no esforço para consolidar uma aliança proveitosa tanto para o governo fascista quanto para o Vaticano.

Pio ficou acordado até tarde na noite de 31 de janeiro, como ficara na noite anterior, anotando seus comentários para o encontro de bispos. O outrora atlético e corpulento papa "alpinista" estava emaciado; o rosto, que já fora cheio, tornara-se encarquilhado e encovado. Mas quem o visse não teria a menor dúvida de que estava muito determinado a pronunciar aquele discurso. Não queria morrer antes de alertar os bispos a respeito da existência de espiões fascistas em toda parte, inclusive nos salões da Igreja. Seria sua última oportunidade de denunciar a adesão de Mussolini ao racismo nazista.

Na semana que precedeu o discurso, porém, as últimas reservas de força do papa começaram a se esgotar. Incapaz de se manter em pé, ele permanecia na cama. O cardeal Eugenio Pacelli, que, como secretário de Estado, era o segundo homem do Vaticano, suplicou-lhe que adiasse o encontro. Pio não queria nem considerar essa possibilidade e ordenou que o jornal do Vaticano informasse que estava bem de saúde. Em 8 de fevereiro, com medo de não ter forças para proferir o discurso dali a três dias, mandou a gráfica do Vaticano imprimir uma cópia para cada bispo. Na noite seguinte, seu estado de saúde piorou. Nas primeiras horas da manhã de 10 de fevereiro, a respiração ficou mais difícil. Com cuidado para não deslocar o barrete branco da cabeça, assistentes prenderam-lhe à boca uma máscara de oxigênio. Às quatro da madrugada acorda-

ram o cardeal Pacelli, que correu para o leito papal e ajoelhou-se para rezar. Estava com os olhos vermelhos de lágrimas.

Deitado em sua cama simples de ferro, extinguindo-se rapidamente, Pio XI não demorou a soltar seu derradeiro suspiro. Deus não lhe concedera o último pedido. Os bispos não o veriam na basílica de São Pedro, e sim na capela Sistina, onde, na tarde de 10 de fevereiro, seu corpo arruinado foi exposto numa plataforma alta. Aqueles que o tinham visto no auge de suas forças quase não o reconheciam. Era como se outra pessoa estivesse ali, sob os afrescos de Michelangelo, usando a batina de seda branca do papa e o barrete com forro de arminho vermelho.

Do outro lado do Tibre, Mussolini recebeu a notícia da morte do pontífice com um grunhido de alívio, torcendo para que a onda papal não interferisse em sua vindoura união com Clara Petacci, sua jovem amante de olhos verdes. Mas ainda lhe restava uma preocupação. Ao longo dos anos, o ditador criara uma extensa rede de espionagem no Vaticano, cujos relatórios lia com avidez. Alguns dias antes, os espiões o tinham advertido de que o papa planejava fazer um inflamado discurso de aniversário denunciando a campanha antissemita de Mussolini e seus laços cada vez mais estreitos com o Führer. Ele temia que, se fosse divulgado naquele momento, o texto ainda causasse algum estrago, um profético apelo papal vindo do túmulo.

O ditador acreditava que havia um homem em condições de ajudá-lo. Entrou em contato com o cardeal Pacelli, que, na função de camerlengo, ficou encarregado de cuidar de tudo o que Pio XI deixara para trás, inclusive das páginas escritas à mão em sua escrivaninha e as pilhas de folhetos recém-impressos e prontos para serem distribuídos aos bispos. Mussolini queria que todas as cópias do discurso fossem destruídas.

Tinha motivos para achar que Pacelli lhe obedeceria. Oriundo de uma importante família romana estreitamente associada aos papas por gerações, o cardeal passara os meses anteriores com medo de que Pio XI viesse a contrariar Mussolini. Havia muita coisa em jogo, pensava ele. Era verdade que tinha uma imensa dívida de gratidão com Pio XI, que o nomeara secretário de Estado e o promovera de muitas outras formas. Mas julgava que tinha uma responsabilidade ainda maior de proteger a Igreja. Mandou limpar a mesa do papa e apreender as cópias impressas do discurso.

Três semanas depois, uma grande multidão aguardava impaciente na praça de São Pedro enquanto os cardeais se reuniam em conclave. Quando a reveladora fumaça branca surgiu na chaminé do palácio Apostólico, a multidão aplaudiu. "*Habemus papam*", anunciou o cardeal diácono da sacada sobre a entrada principal da basílica de São Pedro. Logo uma figura alta, magra, de óculos, trajando o manto papal branco e a tiara adornada de joias, saiu para dar sua bênção. Eugenio Pacelli adotaria o nome de Pio XII, em homenagem ao homem por quem chorara junto ao leito de morte recentemente.

Com base em sete anos de pesquisas nos arquivos do Vaticano e em relatórios dos espiões infiltrados por Mussolini nos mais altos níveis da Igreja Católica, David I. Kertzer revela o papel crucial da Santa Sé na ascensão do fascismo na Europa.

"Kertzer mostra a fascinante ligação entre dois homens irascíveis e muitas vezes irracionais, lança luz sobre uma obscura trama intelectual e oferece uma reflexão surpreendente sobre o exercício do poder."
THE GUARDIAN

"A relação entre duas das mais poderosas figuras políticas da Europa no século XX apresentada de uma forma tão acessível que é impossível parar de ler."
PUBLISHERS WEEKLY

"Implacável ao expor as chocantes ações do Vaticano."
KIRKUS REVIEWS

"Uma narrativa fascinante e trágica."
THE NEW YORKER

ISBN 978-85-510-0009-0
9 788551 000090
www.intrinseca.com.br